

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

Perda de identidade em mães atípicas: uma análise das contingências de cuidado e supressão de repertórios pessoais

Loss of identity in atypical mothers: an analysis of the contingencies of care and suppression of personal repertoires

Pérdida de identidad en madres atípicas: un análisis de las contingencias de cuidado y supresión de repertorios personales

Darlaine Carvalho Dias¹

Flaviana Magalhães Leite Leal²

Maiane Pereira Leonardelli³

RESUMO

Este estudo analisa os impactos do diagnóstico de necessidades diversas em filhos sobre a identidade de mães atípicas. A intensificação das demandas de cuidado reorganiza a rotina dessas mulheres, restringindo o acesso a reforçadores sociais, profissionais e afetivos, além de favorecer a supressão gradual de repertórios pessoais anteriormente mantidos. O fenômeno apresenta importante dimensão social, considerando que o cuidado ainda é culturalmente atribuído às mulheres, frequentemente associado à ausência de rede de apoio, à desigualdade na divisão das responsabilidades familiares e à insuficiência de políticas públicas voltadas às famílias neurodivergentes. Pesquisas sobre a maternidade atípica indicam altos níveis de sobrecarga emocional, sofrimento psíquico e abandono de carreira, visto que muitas mães diminuem ou até mesmo abandonam o trabalho, as atividades sociais e os cuidados com si mesmas para atender às exigências incessantes de seus filhos. Dessa maneira, o cuidado perpetuado afeta diretamente a autonomia, a saúde mental, as relações conjugais e o envolvimento social dessas mulheres. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritivo-analítica, realizada nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, no período de 2016 a 2026.

Palavras-chave: maternidade atípica. Análise do comportamento. Esgotamento materno. identidade.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é uma experiência marcada por mudanças emocionais, sociais e identitárias na vida da mulher. Além das responsabilidades historicamente atribuídas ao papel materno, muitas mulheres acumulam funções profissionais, domésticas e afetivas, o que amplia significativamente as exigências relacionadas ao cuidado. Quando associadas à maternidade atípica, especialmente diante do diagnóstico de um filho neurodivergente, essas demandas tornam-se ainda mais intensas, uma vez que a rotina familiar passa a envolver terapias, consultas, intervenções e adaptações constantes.

Nesse contexto, a mãe frequentemente assume a posição de cuidadora principal,

¹ Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Aparício Carvalho. E-mail: darlainedias2015@gmail.com

² Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Aparício Carvalho. E-mail: flavia_vivoro@hotmail.com.

³ Orientadora. Especialista em Terapia Comportamental e em Terapia de Aceitação e Compromisso pela Faculdade Santo André (FASA). Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Aparício Carvalho. E-mail: maiane.leonardelli@fimca.com.br.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

vivenciando elevados níveis de sobrecarga física e emocional. Estudos apontam que mães de crianças atípicas apresentam maiores índices de estresse, exaustão emocional e desgaste psicológico em razão da intensidade e da continuidade das demandas de cuidado (Lobo et al., 2026). Além disso, a ausência de divisão igualitária das responsabilidades familiares favorece a concentração do cuidado na figura materna, ampliando ainda mais a sobrecarga vivenciada por essas mulheres (Danzmann; Lunardi; Smeha, 2024).

Diante dessa realidade, observa-se que a intensa rotina de cuidado pode provocar impactos significativos na vida pessoal da mulher, favorecendo o isolamento social, a redução da participação profissional e a limitação de atividades relacionadas ao lazer, ao autocuidado e aos vínculos afetivos. A centralização da identidade feminina no exercício exclusivo da maternidade tende a promover o estreitamento dos repertórios comportamentais antes mantidos em diferentes contextos sociais.

Machado et al. (2020) destacam que muitas mulheres, ao se tornarem mães, passam a colocar-se em segundo plano, acreditando que seu papel social se resume ao exercício da maternidade. Na maternidade atípica, essa realidade torna-se ainda mais evidente, uma vez que as exigências permanentes do cuidado favorecem a supressão de comportamentos relacionados à vida pessoal, social e profissional. Estudos demonstram ainda que mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista frequentemente abandonam projetos pessoais e profissionais devido às dificuldades de conciliar as demandas do cuidado com outras áreas da vida, o que contribui para sentimentos de isolamento e de perda da própria identidade (Emidio; Castro, 2021).

Sob a ótica da Análise do Comportamento, a identidade é compreendida como um conjunto de repertórios comportamentais modelados e mantidos por contingências de reforçamento ao longo das vivências. O impacto do diagnóstico pode alterar significativamente repertórios relacionados à autonomia e à percepção de competência, visto que "a mãe de uma criança autista (re)constrói suas identidades após o diagnóstico clínico" (Oliveira; Pinto, 2025).

Nessa perspectiva, as contingências ambientais são responsáveis pela seleção, manutenção ou enfraquecimento de determinados comportamentos ao longo da vida. Assim, quando os comportamentos relacionados ao cuidado passam a receber maior frequência de reforçamento social, enquanto repertórios ligados à vida pessoal, profissional e afetiva deixam de ser reforçados, ocorre um processo gradual de restrição identitária e supressão comportamental.

Além disso, a exposição contínua a contingências aversivas, associadas à sobrecarga,

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

à ausência de rede de apoio e às exigências intensas do cuidado, favorece o desenvolvimento de sofrimento emocional, ansiedade e exaustão psíquica (Martínez Pizarro, 2020). Estudos também apontam que mães de crianças com desenvolvimento atípico apresentam níveis menores de bem-estar quando comparadas às mães de crianças com desenvolvimento típico, em razão da intensidade das demandas de cuidado e da fragilidade das redes de apoio disponíveis (Almohalha; Pereira, 2020).

Nesse cenário, as terapias contextuais e as intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento mostram-se relevantes por possibilitarem a ampliação dos repertórios de autocuidado, a flexibilização de regras sociais rígidas e o fortalecimento de experiências reforçadoras em diferentes contextos da vida da mulher.

A relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar as discussões científicas acerca do sofrimento vivenciado por mães atípicas, especialmente diante da invisibilidade social que frequentemente as acompanha. Embora o foco das atenções costume se concentrar no diagnóstico e nas necessidades da criança, pouco se discute sobre os impactos emocionais, sociais e identitários sofridos pela mulher que ocupa a posição de cuidadora principal. A ausência ou fragilidade das redes de apoio contribui para a manutenção de padrões de exaustão física e emocional, reforçando sentimentos de solidão, o desgaste psicológico e a restrição da autonomia feminina. Assim, compreender as variáveis ambientais envolvidas na sobrecarga materna torna-se fundamental para subsidiar práticas psicológicas e intervenções que favoreçam não apenas o enfrentamento emocional, mas também a reorganização das contingências que mantêm padrões restritivos de comportamento.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo geral analisar, por meio de revisão bibliográfica, como as contingências de cuidado na maternidade atípica contribuem para a supressão de repertórios individuais e para a consequente perda da identidade pessoal dessas mulheres. Como objetivos específicos, busca-se identificar, na literatura, as principais variáveis ambientais envolvidas na rotina de cuidado da mãe atípica, caracterizando contingências de reforçamento e punição; descrever o processo de estreitamento do repertório comportamental decorrente das demandas associadas ao diagnóstico do filho; e compreender as repercussões emocionais, sociais e relacionais decorrentes da privação de reforçadores positivos em contextos externos ao cuidado materno.

Parte-se da hipótese de que as contingências de cuidado intensivo presentes na maternidade atípica favorecem a manutenção de comportamentos exclusivamente voltados ao cuidado, ao mesmo tempo em que contribuem para a supressão de repertórios comportamentais

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

pessoais, profissionais e sociais previamente estabelecidos.

Acredita-se que a exposição contínua a contingências aversivas, associada à ausência de reforçamento positivo em outras áreas da vida, intensifique o processo de restrição identitária dessas mulheres, centralizando sua percepção de si no exercício exclusivo da maternidade. Dessa forma, a predominância do papel materno pode contribuir para o desenvolvimento de sofrimento emocional, isolamento social e prejuízos significativos à autonomia e à qualidade de vida das mães atípicas.

2. A IDENTIDADE FEMININA E A MATERNIDADE ATÍPICA

A trajetória histórica das mulheres na contemporaneidade é marcada pela ampliação de sua participação nos espaços profissionais, acadêmicos e sociais, o que possibilita maior autonomia financeira, reconhecimento social e independência pessoal.

Santos (2024) aponta que, apesar dessas conquistas, a maternidade ainda está associada a expectativas sociais que atribuem à mulher a principal responsabilidade pelo cuidado dos filhos.

Dessa maneira, quando a mulher é inserida no contexto da maternidade atípica, especialmente após o diagnóstico de neurodivergência da criança, essas exigências tendem a se intensificar, o que acarreta mudanças na rotina, nos vínculos sociais e na forma como a mulher percebe a si mesma (Santos et al., 2025).

Segundo Bolissian (2024), o processo de tornar-se mãe é atravessado por pressões sociais relacionadas ao senso de responsabilidade e de obrigação materna, o que influencia diretamente a construção da identidade feminina. Nesse contexto, a maternidade deixa de ser apenas uma experiência afetiva e passa também a reorganizar prioridades, comportamentos e relações interpessoais.

Assim, na maternidade atípica, essa reorganização ocorre de forma ainda mais intensa, diante das demandas contínuas de acompanhamento terapêutico, cuidados especializados e adaptações familiares decorrentes do diagnóstico da criança. Nesse contexto, a mulher passa a vivenciar mudanças significativas em sua rotina, em seus vínculos sociais e na percepção construída de si mesma, o que torna necessária a compreensão dos impactos dessas transformações sobre sua identidade e seus repertórios comportamentais.

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

2.1 A Identidade Transitória: da Mulher Contemporânea à Mãe Pós-Diagnóstico

A construção da identidade feminina está diretamente relacionada às experiências sociais, culturais e afetivas que a mulher vivencia ao longo de sua trajetória. Na sociedade contemporânea, as mulheres passaram a ocupar diferentes espaços profissionais, acadêmicos e sociais, ampliando sua autonomia e diversificando seus repertórios comportamentais (Neves, 2022).

Nesse ínterim, o advento da maternidade atípica, especialmente após o diagnóstico de neurodivergência do filho, tende a modificar abruptamente essas contingências, fazendo com que repertórios anteriormente reforçados sejam progressivamente substituídos pelas intensas demandas de cuidado.

De acordo com Leite (2016), a rotina passa a ser organizada em função de terapias, consultas, intervenções clínicas e adaptações constantes, centralizando, na figura materna, a maior parte das responsabilidades relacionadas ao desenvolvimento da criança. Nesse cenário, muitas mulheres acabam reduzindo sua participação social, afastando-se do mercado de trabalho e restringindo experiências antes associadas à autonomia e ao autocuidado.

Mendes (2024) destaca que a maternidade atípica frequentemente impõe uma renúncia forçada à vida profissional, favorecendo a supressão de repertórios sociais e individuais anteriormente mantidos pela mulher. Essa mudança é marcada por uma intensa ambivalência emocional, na qual a mulher transita entre as conquistas historicamente alcançadas e a nova realidade imposta pelo cuidado especializado.

O diagnóstico atua como um marco de transformação identitária, fazendo com que a identidade anteriormente construída a partir de papéis sociais, profissionais e individuais passe a ser predominantemente associada ao papel de mãe de uma criança atípica. Conforme afirmam Oliveira e Pinto (2025, p.19), "a mãe de uma criança autista (re)constrói suas identidades após o diagnóstico clínico", evidenciando os impactos subjetivos decorrentes das mudanças na dinâmica familiar e nas exigências cotidianas do cuidado.

Desse modo, a perda da identidade previamente construída não representa apenas uma mudança de papel social, mas também uma reorganização significativa dos repertórios comportamentais mantidos ao longo da vida. Barbosa et al. (2025) ressaltam que a construção da identidade da mãe atípica ocorre em meio a pressões sociais que reforçam a dedicação integral ao cuidado, o que favorece a invisibilização das necessidades emocionais e subjetivas da mulher.

c

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

Assim, compreende-se que a maternidade atípica vai além da necessidade de adaptação a uma nova rotina de cuidados, alcançando transformações significativas na forma como a mulher se percebe e se posiciona socialmente. À medida que as demandas relacionadas ao cuidado passam a ocupar lugar central em sua vivência cotidiana, experiências anteriormente associadas à autonomia, à vida profissional, ao lazer e às relações interpessoais tornam-se progressivamente menos frequentes.

Como consequência, observa-se um estreitamento dos repertórios comportamentais e da própria identidade feminina, que passa a ser constantemente associada ao papel de cuidadora. Nesse contexto, a reorganização da dinâmica familiar e social tende a impactar diretamente a participação da mulher em outros espaços de convivência, favorecendo processos de isolamento, invisibilização e interrupção de vínculos sociais anteriormente mantidos.

2.2 O olhar social e os obstáculos da interrupção da vida social

De acordo com Leite et al. (2025), as demandas contínuas presentes na maternagem atípica produzem impactos psicossociais que ultrapassam o âmbito do cuidado da criança, atingindo diretamente a autonomia, os vínculos sociais e a percepção que a mulher tem de si mesma. À medida que experiências anteriormente associadas à vida profissional, ao lazer e às relações interpessoais tornam-se menos frequentes, observa-se um progressivo estreitamento dos repertórios comportamentais e da identidade feminina, que passa a ser predominantemente vinculada ao papel de cuidadora.

Além disso, a intensa dedicação ao cuidado frequentemente contribui para a invisibilização das necessidades emocionais e subjetivas da mulher, favorecendo processos de isolamento e de sobrecarga. Pastorelli, Viana e Benicasa (2024) destacam que o sofrimento presente na maternidade atípica não está relacionado apenas às demandas práticas do cuidado, mas também às transformações emocionais e sociais vivenciadas pelas mães diante da renúncia gradual a aspectos importantes de sua individualidade.

Nesse contexto, Barbosa et al. (2025) ressaltam que o isolamento social frequentemente observado em cuidadoras permanentes favorece a restrição de experiências reforçadoras externas ao cuidado, contribuindo para o estreitamento dos repertórios comportamentais e para a limitação da identidade da mulher ao papel exclusivo de cuidadora.

Embora a sociedade contemporânea reconheça as transformações ocorridas nos papéis femininos, o sofrimento e a exaustão materna ainda são frequentemente tratados como questões

c

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

individuais, o que invisibiliza os fatores sociais que contribuem para a sobrecarga dessas mulheres.

Na maternidade atípica, a mulher passa a ocupar um espaço marcado pela restrição da convivência social, no qual experiências anteriormente reforçadoras, presentes na vida pública, são substituídas por uma rotina centrada quase exclusivamente nos ambientes domésticos, clínicos e terapêuticos. Além disso, muitas mães ainda enfrentam julgamentos sociais sobre o comportamento dos filhos, sendo frequentemente responsabilizadas pelas dificuldades de inclusão e de adaptação da criança em diferentes espaços sociais.

Sob a perspectiva analítico-comportamental, a interrupção da vida social pode favorecer a privação de reforçadores positivos, antes presentes nas relações interpessoais, no trabalho e nas atividades de lazer. Dessa forma, a redução do acesso a experiências reforçadoras externas ao cuidado tende a intensificar sentimentos de angústia, solidão e esgotamento emocional. Silva (2025) destaca que a maternidade atípica produz impactos significativos na vida dessas mulheres, especialmente porque a solidão inerente ao cuidado contínuo favorece processos de isolamento e de sobrecarga física e mental.

De acordo com Souza (2025), os obstáculos enfrentados por mães atípicas também são intensificados por discursos sociais e estruturas culturais que naturalizam a centralização do cuidado na figura feminina, desconsiderando a responsabilidade coletiva e institucional diante das demandas impostas pela maternagem atípica. Nesse contexto, dificuldades relacionadas ao acesso a direitos sociais, ao suporte psicológico, à inclusão e à assistência estatal agravam ainda mais a vulnerabilidade dessas mulheres.

Assim, o afastamento da vida social, a restrição da autonomia e o progressivo esquecimento de si não devem ser compreendidos como escolhas individuais, mas como respostas produzidas e mantidas por contingências sociais que reforçam a dedicação exclusiva ao cuidado em detrimento das necessidades subjetivas e emocionais da mulher.

3 EXAUSTÃO MATERNA: BURNOUT E A SÍNDROME DO CUIDADOR

A permanência em uma rotina marcada por demandas intensivas e contínuas de cuidado favorece o desenvolvimento de elevados níveis de desgaste físico, emocional e psicológico entre mães atípicas. Para Ferreira (2025), esse quadro tem sido associado ao Burnout Parental e à denominada Síndrome do Cuidador, condições caracterizadas por exaustão crônica, sofrimento psíquico e comprometimento significativo da saúde mental.

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

Diferentemente do cansaço cotidiano, o burnout corresponde a um estado persistente de esgotamento decorrente da exposição prolongada a situações de elevada exigência emocional, acompanhado de sentimentos de incapacidade, sobrecarga e perda progressiva da realização pessoal.

De acordo com Maslach e Leiter (2016), o *burnout* constitui uma resposta psicológica associada à exposição contínua ao estresse crônico, manifestando-se por meio da exaustão emocional, da redução da realização pessoal e do comprometimento das relações interpessoais.

Embora inicialmente relacionado ao contexto ocupacional, estudos recentes demonstram que o fenômeno também se manifesta no ambiente familiar, especialmente em situações de cuidado intensivo e prolongado. Nesse sentido, a maternidade atípica apresenta características que favorecem o desenvolvimento desse quadro, considerando a centralização do cuidado na figura materna e a elevada carga emocional associada ao acompanhamento contínuo da criança neurodivergente.

Para tanto, Campos (2024) destaca que as contingências aversivas presentes na rotina de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista contribuem diretamente para o desenvolvimento de sofrimento psíquico, ansiedade e esgotamento emocional.

Segundo os autores, a repetição constante de demandas relacionadas ao cuidado, associada à ausência de suporte social adequado, favorece a manutenção de padrões comportamentais caracterizados por exaustão e privação de experiências reforçadoras externas ao ambiente doméstico. Sob essa perspectiva, o adoecimento emocional não decorre exclusivamente das exigências do diagnóstico, mas também da ausência de condições ambientais capazes de oferecer suporte, descanso e reorganização da rotina materna.

Por outro lado, Martínez Pizarro (2020) ressalta que a denominada Síndrome do Cuidador caracteriza-se pelo comprometimento progressivo da saúde física e emocional de indivíduos submetidos a longos períodos de cuidado permanente, especialmente quando não há mecanismos adequados de apoio familiar e institucional. Entre os sintomas mais recorrentes estão ansiedade, insônia, irritabilidade, fadiga constante, isolamento social e episódios depressivos. Nesse contexto, mães atípicas tornam-se particularmente vulneráveis ao adoecimento psicológico, dado que grande parte das responsabilidades relacionadas ao desenvolvimento da criança permanece socialmente centralizada na figura feminina.

Além disso, a sobrecarga vivenciada por essas mulheres frequentemente é intensificada pela chamada tripla jornada, caracterizada pela necessidade de conciliar responsabilidades maternas, atividades domésticas e demandas profissionais. Conforme

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

apontam Lobo et al. (2026), mães de crianças atípicas apresentam níveis significativamente elevados de desgaste emocional em razão da dedicação contínua ao cuidado, da limitação da vida social e da insuficiência das redes de apoio. As autoras destacam que a manutenção prolongada dessa rotina favorece sentimentos de culpa, esgotamento e incapacidade, contribuindo para o agravamento do sofrimento psíquico e da vulnerabilidade emocional dessas mulheres.

Sob a perspectiva analítico-comportamental, a permanência em contextos predominantemente marcados por contingências aversivas tende a favorecer respostas associadas ao sofrimento emocional, ao isolamento e à exaustão comportamental. Skinner (2003) afirma que ambientes caracterizados pela predominância de estímulos aversivos produzem padrões de esquiva, sofrimento e redução da variabilidade comportamental, especialmente quando o indivíduo tem pouco acesso a experiências reforçadoras positivas. Na maternidade atípica, a ausência de oportunidades de autocuidado, descanso, lazer e participação social contribui para o estreitamento progressivo dos repertórios comportamentais da mulher, intensificando os impactos emocionais decorrentes da sobrecarga do cuidado contínuo.

Ademais, a invisibilização das necessidades emocionais das mães atípicas contribui para a perpetuação de ciclos de adoecimento, frequentemente negligenciados pelas políticas públicas e pelos serviços de saúde. Em muitos casos, a atenção institucional permanece direcionada exclusivamente ao desenvolvimento da criança, desconsiderando os impactos sobre a mulher responsável pelo cuidado cotidiano. Silva et al. (2025) destacam que a ausência de suporte público e familiar constitui um dos principais fatores associados ao sofrimento emocional de mães atípicas, o que reforça sentimentos de solidão, desamparo e esgotamento psicológico.

Dessa forma, compreende-se que a exaustão materna na maternidade atípica não deve ser interpretada como uma fragilidade individual, mas como resultado de contingências sociais, culturais e institucionais que centralizam o cuidado na figura feminina sem oferecer suporte proporcional às exigências impostas por essa realidade. Nesse contexto, torna-se fundamental o fortalecimento de estratégias de apoio psicológico, social e institucional, capazes de minimizar os impactos da sobrecarga contínua e de favorecer melhores condições de saúde mental e de qualidade de vida para essas mulheres.

4 A REDE DE APOIO COMO FATOR DE PROTEÇÃO À SAÚDE MENTAL MATERNA

Diante das múltiplas demandas da maternidade atípica, a rede de apoio desempenha um papel fundamental na redução da sobrecarga emocional e na preservação da saúde mental das mães cuidadoras. O suporte oferecido por familiares, instituições, profissionais de saúde e grupos sociais contribui não apenas para a divisão das responsabilidades relacionadas ao cuidado, mas também para a ampliação de experiências reforçadoras, capazes de minimizar os impactos do isolamento e da exaustão contínua (Campos, 2022).

Nesse contexto, a presença de uma rede de apoio efetiva possibilita melhores condições de enfrentamento diante das exigências impostas pela rotina terapêutica e dos desafios cotidianos associados ao desenvolvimento da criança neurodivergente.

De acordo com Danzmann, Lunardi e Smeha (2024), a participação ativa do pai no cuidado da criança atípica favorece um maior equilíbrio na dinâmica familiar e reduz significativamente a centralização das responsabilidades na figura materna. Entretanto, as autoras ressaltam que, em grande parte das famílias, o cuidado permanece distribuído de maneira desigual, fazendo com que a mulher continue assumindo a maior parcela das demandas emocionais, domésticas e terapêuticas relacionadas ao filho. Essa distribuição desigual intensifica sentimentos de exaustão, solidão e sobrecarga, contribuindo diretamente para o comprometimento da qualidade de vida dessas mulheres.

Para Santos et al. (2023), a ausência de suporte social adequado constitui um dos principais fatores associados ao adoecimento emocional de mães atípicas, especialmente devido à redução da convivência social e à limitação das experiências de autocuidado. Segundo os autores, redes de apoio estruturadas favorecem não apenas o compartilhamento das responsabilidades práticas do cuidado, mas também a criação de espaços de escuta, de acolhimento emocional e de validação das experiências maternas. Sob essa perspectiva, o apoio social deixa de possuir caráter exclusivamente assistencial e passa a atuar como importante instrumento de proteção psicológica diante das contingências aversivas presentes na maternagem atípica.

Além do suporte familiar, a atuação de equipes multiprofissionais e de serviços especializados também desempenha um papel relevante na redução da sobrecarga materna. Intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), acompanhamentos psicológicos e orientações terapêuticas podem auxiliar não apenas no

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

desenvolvimento da criança, mas também na reorganização da rotina familiar e na redução do estresse enfrentado pela mãe cuidadora. Conforme destacam De Moraes et al. (2024), o cuidado direcionado às mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista favorece diretamente o bem-estar emocional familiar e contribui para o fortalecimento do vínculo entre mãe e filho, gerando impactos positivos em todo o contexto familiar.

Por outro lado, a insuficiência de políticas públicas voltadas à proteção da saúde mental de mães atípicas evidencia a persistência de uma lógica social que individualiza o cuidado e invisibiliza as necessidades subjetivas dessas mulheres. Em muitos casos, a assistência estatal concentra-se exclusivamente no atendimento à criança, negligenciando os impactos emocionais decorrentes da dedicação contínua ao cuidado especializado. Nesse cenário, grupos de apoio, espaços coletivos de convivência e serviços de acolhimento psicológico tornam-se estratégias fundamentais para romper o isolamento social e possibilitar a construção de vínculos de pertencimento entre mulheres que compartilham experiências semelhantes.

Sob a ótica analítico-comportamental, ambientes que favorecem acolhimento, escuta e suporte emocional ampliam o acesso a reforçadores positivos capazes de fortalecer repertórios relacionados ao autocuidado, à autonomia e à participação social. Dessa forma, a presença de uma rede de apoio consistente pode contribuir para reduzir as contingências aversivas associadas ao cuidado contínuo, diminuindo os impactos emocionais decorrentes da sobrecarga materna. Assim, compreender a rede de apoio como fator de proteção da saúde mental materna torna-se essencial para a construção de estratégias sociais e institucionais voltadas à promoção da qualidade de vida e da dignidade de mães atípicas.

4.1 O resgate da autoconfiança e do autocuidado: da invisibilidade ao sujeito

A reconstrução da autoconfiança em mulheres que vivenciam a maternidade atípica exige intervenções que ultrapassem o enfoque exclusivo nas demandas da criança, direcionando atenção também às necessidades emocionais, subjetivas e sociais da mulher cuidadora.

Durante o processo de cuidado contínuo, muitas mães acabam restringindo suas experiências pessoais e reorganizando integralmente suas rotinas em função das necessidades do filho, o que favorece o enfraquecimento de repertórios relacionados à individualidade, ao lazer, à autonomia e à participação social (Braga, 2015). Nesse contexto, o resgate do autocuidado representa não apenas uma estratégia de promoção da saúde mental, mas também

c

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

um importante movimento de reconstrução identitária.

Machado et al. (2020) destacam que as transformações decorrentes da maternidade impactam significativamente a percepção feminina de si mesma, especialmente quando as exigências relacionadas ao cuidado passam a ocupar posição central na rotina da mulher. Segundo as autoras, o suporte psicológico desempenha um papel fundamental na elaboração dessas mudanças, auxiliando a mulher a reconhecer suas necessidades emocionais para além do exercício exclusivo da maternidade. Assim, o fortalecimento da autoconfiança está diretamente relacionado à possibilidade de retomar espaços de pertencimento, de escuta e de valorização subjetiva.

Além disso, o acesso a direitos sociais e a políticas públicas constitui um elemento essencial para a promoção da autonomia dessas mulheres. Benefícios assistenciais, suporte institucional, acesso a serviços de saúde mental e programas de acolhimento contribuem para reduzir parte da vulnerabilidade social frequentemente associada à maternidade atípica. Nesse sentido, compreender a mulher para além da função de cuidadora torna-se indispensável para romper com padrões culturais que naturalizam o autossacrifício feminino como obrigação inerente à maternidade (Da Conceição Costa; Gonçalves, 2019).

Dessa forma, o resgate da autonomia feminina não ocorre apenas por meio de mudanças individuais, mas também pela reorganização das contingências sociais que historicamente reforçam a dedicação exclusiva da mulher ao cuidado familiar.

Por fim, a reconstrução da identidade da mãe atípica depende do reconhecimento de sua subjetividade, de suas necessidades emocionais e de sua condição enquanto sujeito para além da maternidade. A valorização da mulher em sua integralidade possibilita a retomada gradual de experiências relacionadas à autonomia, ao pertencimento social e à qualidade de vida, favorecendo uma reorganização identitária mais saudável e menos marcada pela invisibilização decorrente das demandas intensivas do cuidado contínuo.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, com natureza exploratória e descritiva. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, especialmente livros, artigos científicos, dissertações e teses, o que permite ao pesquisador analisar criticamente diferentes produções sobre determinado tema.

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

Nesse sentido, o estudo fundamenta-se em produções acadêmicas sobre maternidade atípica, sobrecarga materna e supressão de repertórios pessoais, com o objetivo de compreender como as contingências de cuidado influenciam a reorganização da identidade feminina.

Quanto à abordagem qualitativa, Minayo (2001) afirma que esse tipo de pesquisa trabalha com significados, crenças, valores, experiências e relações humanas, o que permite compreender aspectos subjetivos presentes nos fenômenos sociais. Dessa forma, a escolha pela pesquisa qualitativa mostra-se adequada ao presente estudo, uma vez que a investigação busca compreender os impactos emocionais, sociais e comportamentais decorrentes da maternidade atípica, especialmente no que se refere à sobrecarga de cuidados e ao estreitamento da identidade da mulher cuidadora.

A pesquisa também possui caráter exploratório e descritivo. Gil (2008) destaca que pesquisas exploratórias têm por finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, enquanto as pesquisas descritivas buscam descrever características de determinada população ou fenômeno.

Assim, o estudo procura analisar, à luz da Análise do Comportamento, as contingências ambientais relacionadas à rotina de mães atípicas, observando como determinadas condições sociais e familiares podem favorecer o enfraquecimento de repertórios de autonomia, de autocuidado, de vida profissional e de relações interpessoais.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SciELO, PePSIC, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Scholar, por serem amplamente utilizadas em pesquisas científicas nas áreas da psicologia, da saúde e das ciências humanas. Para a busca dos materiais foram utilizados os descritores: "maternidade atípica", "sobrecarga materna", "identidade feminina", "autismo", "burnout parental", "rede de apoio", "Análise do Comportamento", "cuidador" e "supressão de repertórios", combinados entre si por meio dos operadores booleanos "AND" e "OR".

O recorte temporal adotado abrange publicações de 2015 a 2025, visando garantir maior atualização científica sobre a temática investigada. Entretanto, também foram utilizados autores clássicos e obras de referência da Análise do Comportamento, especialmente B. F. Skinner, cuja produção teórica permanece fundamental para a compreensão dos conceitos de contingências, reforçamento e comportamento humano.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos científicos, livros, dissertações, teses e trabalhos acadêmicos relacionados à maternidade atípica, à sobrecarga materna, à qualidade de vida da mãe cuidadora, ao burnout parental e à identidade feminina, desde que possibilitassem

c

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

uma análise fundamentada nos pressupostos da Análise do Comportamento.

Também foram selecionados apenas materiais publicados em língua portuguesa, integralmente disponíveis em meio eletrônico e que apresentassem relação direta com os objetivos da pesquisa. Por outro lado, foram excluídos estudos voltados exclusivamente aos protocolos clínicos da criança neurodivergente, sem discussão da experiência materna, bem como resumos simples, materiais duplicados nas bases de dados e produções sem fundamentação científica consistente.

A busca inicial nas plataformas resultou em 58 estudos relacionados aos descritores utilizados. Após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos 26 trabalhos por não apresentarem relação direta com a temática proposta ou por abordarem exclusivamente aspectos clínicos da criança. Em seguida, os 32 estudos restantes foram submetidos à leitura integral, e 14 textos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos.

Ao final do processo de seleção, 18 produções acadêmicas compuseram o corpus de análise deste artigo, incluindo artigos científicos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e obras teóricas relevantes para a discussão da temática.

A análise dos dados foi qualitativa e interpretativa. Para tanto, buscou-se identificar, nas produções selecionadas, as contingências ambientais relacionadas à rotina de cuidado materno, observando como determinados estímulos e condições sociais contribuem para a manutenção, o fortalecimento ou a supressão de repertórios comportamentais das mães atípicas.

Além disso, foram analisados conceitos relacionados ao reforçamento, controle aversivo, privação, esquiva e extinção comportamental, com o objetivo de compreender como a ausência de rede de apoio e a centralização do cuidado na figura materna favorecem processos de isolamento, sobrecarga emocional e restrição identitária.

Desse modo, por se tratar-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em materiais já publicados e disponíveis em acesso público, o presente estudo dispensa submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, uma vez que não envolve participação direta de seres humanos

6 CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS E SOCIAIS

A presente pesquisa contribui para a ampliação das discussões acerca da maternidade atípica sob a perspectiva da Análise do Comportamento, especialmente quanto aos impactos das contingências ambientais sobre a identidade e os repertórios comportamentais das mães. A

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

partir de uma leitura não mentalista da chamada perda de identidade, o estudo compreende que os comportamentos humanos são selecionados e mantidos pelas consequências do ambiente, o que permite analisar a maternidade atípica para além de explicações individualizantes ou patologizantes.

Nesse sentido, o trabalho relaciona conceitos fundamentais da Análise do Comportamento, como contingências de reforçamento, extinção, controle aversivo e supressão de repertórios, ao contexto do cuidado intensivo prestado por mães de crianças neurodivergentes. A pesquisa busca demonstrar como a reorganização das rotinas familiares, associada à sobrecarga contínua e à escassez de apoio social, favorece o enfraquecimento de repertórios ligados à autonomia, à vida profissional, ao lazer e às relações interpessoais. Além disso, o estudo poderá servir de base para futuras pesquisas voltadas à compreensão dos impactos psicológicos e sociais da maternidade atípica, sobretudo na abordagem analítico-comportamental.

No âmbito social, a pesquisa contribui para dar visibilidade à realidade de sobrecarga enfrentada por mães atípicas, evidenciando que o sofrimento emocional e a sensação de "anulação de si" não decorrem exclusivamente de fatores individuais, mas também das contingências sociais e culturais que concentram o cuidado quase integralmente na figura materna. Dessa forma, o estudo auxilia na compreensão de que a restrição da vida social, profissional e afetiva dessas mulheres está diretamente relacionada à ausência de redes de apoio efetivas e à desigualdade na divisão das responsabilidades familiares.

Além disso, a investigação poderá contribuir para o desenvolvimento de práticas mais empáticas e humanizadas por parte da sociedade e dos profissionais que atuam com famílias atípicas, favorecendo intervenções psicológicas mais adequadas às necessidades dessas mulheres. Ao enfatizar a importância do fortalecimento da autonomia, do autocuidado e da ampliação de experiências reforçadoras fora do contexto exclusivo do cuidado, o trabalho também incentiva reflexões sobre a valorização da qualidade de vida, da saúde mental e do suporte social direcionado às mães atípicas.

7 DESFECHOS DA PESQUISA

7.1 Desfecho primário: aspectos sociais e impacto da visibilidade.

A sobrecarga das mães atípicas pode ser compreendida como o resultado de um

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

ambiente com alta densidade de estímulos aversivos e escassez de reforçadores positivos para a mulher. A "tripla funcionalidade" delinea uma rotina de comportamentos de evasão e esquiva com o intuito de satisfazer as demandas domésticas, profissionais e terapêuticas, resultando, em numerosas ocasiões, em desgaste parental e exaustão emocional. A clareza escondida desse sofrimento na sociedade exerce a função de censura social, na qual as manifestações das mães são silenciadas ou menosprezadas, favorecendo, assim, a continuidade do isolamento e da marginalização dessas mulheres no ambiente profissional e na vida em comunidade.

Porém, a falta de redes de apoio e de políticas públicas efetivas configura um contexto de vulnerabilidade intensificada, no qual a presença da figura materna, diante da impossibilidade de administrar as demandas excessivas e do isolamento que envolve o processo de cuidados, evidencia uma probabilidade significativa de desencadear transtornos mentais, como depressão e ansiedade.

A "Síndrome do Cuidador" é, portanto, o produto de contingências de controle social e patriarcal que punem a autonomia feminina e reforçam a dedicação exclusiva e unilateral ao filho com deficiência. Essa configuração ambiental mantém a mãe em um ciclo de privação de autocuidado e de reforço social, tornando o sofrimento uma constante negligenciada.

7.2 Desfecho secundário

A ressignificação subjetiva e a reconstrução identitária dependem da alteração das contingências de reforço, o que permite à mãe desenvolver novos repertórios comportamentais no período pós-diagnóstico. Intervenções fundamentadas em evidências, como a Análise do Comportamento, quando aplicadas com atenção igualmente voltada ao cuidador, atuam como instrumentos de apoio que estruturam o ambiente, reduzem a tensão e oferecem orientações práticas. Ao preparar a mãe para enfrentar os desafios decorrentes do diagnóstico do filho, tais intervenções ampliam sua percepção de autoeficácia e promovem um ambiente familiar mais harmonioso, minimizando a pressão negativa das rotinas cotidianas. A reconstituição psicossocial torna-se mais robusta quando a mãe participa de grupos de apoio (territorialidade), nos quais a interação com outros indivíduos atua como um potente reforço social, validando suas vivências e favorecendo a formação de novas identidades.

Tal procedimento compreende a exclusão de regras verbais restritivas, como o "instinto materno" ou a idealização romântica da maternidade, que muitas vezes inibem a mulher de buscar apoio psicológico ou de dar prioridade às suas próprias necessidades. Ao

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

resgatar papéis sociais além do materno e contar com um maior envolvimento paterno (que divide as responsabilidades e aumenta a satisfação conjugal), a mulher consegue ressignificar sua história, passando de uma posição de isolamento para uma de protagonismo e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa permitiram compreender que a perda de identidade em mães atípicas não pode ser interpretada como consequência de fragilidades individuais, mas sim como resultado das contingências ambientais estabelecidas após o diagnóstico de um filho neurodivergente. A reorganização da rotina familiar, marcada por cuidados contínuos, demandas terapêuticas intensas e responsabilidades concentradas na figura materna, favorece a supressão gradual de repertórios anteriormente associados à vida profissional, social e afetiva, bem como ao autocuidado. Nesse contexto, a maternidade atípica passa a ocupar posição central na dinâmica cotidiana da mulher, reduzindo significativamente as experiências de reforço externo ao cuidado.

Sob a perspectiva da Análise do Comportamento, verificou-se que a escassez de reforçadores positivos em diferentes áreas da vida, associada à exposição constante a contingências aversivas, contribui para o fortalecimento de padrões de autossacrifício, exaustão emocional e restrição comportamental. A manutenção prolongada dessas condições favorece o desenvolvimento de sofrimento psicológico, ansiedade, isolamento social e quadros de esgotamento, como o burnout parental e a síndrome do cuidador, comprometendo diretamente a autonomia, a qualidade de vida e a percepção que essas mulheres têm de si mesmas.

Além disso, observou-se que a sobrecarga materna está inserida em um contexto social e cultural historicamente marcado pela desigualdade na divisão das responsabilidades familiares e pelas expectativas que associam o cuidado quase exclusivamente à mulher. A insuficiência de redes de apoio efetivas, tanto no âmbito familiar quanto no institucional, intensifica a invisibilização do sofrimento materno e contribui para a permanência de uma lógica social que naturaliza a renúncia feminina em favor do cuidado integral do filho. Dessa forma, a ausência de suporte emocional, social e político reforça processos de isolamento e dificulta a manutenção de repertórios relacionados à individualidade e à autonomia feminina.

Diante disso, o estudo evidencia a necessidade de ampliar as discussões científicas, sociais e institucionais acerca da maternidade atípica, especialmente sob a ótica da Análise do Comportamento. Torna-se fundamental o desenvolvimento de intervenções psicológicas e

c

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

estratégias de acolhimento que promovam o fortalecimento de repertórios de autocuidado, autonomia e participação social, possibilitando que essas mulheres sejam reconhecidas para além do papel exclusivo de cuidadoras.

Por fim, conclui-se que a construção de redes de apoio mais efetivas, a ampliação de políticas públicas voltadas às famílias neurodivergentes e a valorização da saúde mental das mães atípicas constituem medidas indispensáveis para minimizar os impactos da sobrecarga do cuidado. Assim, garantir espaços de escuta, acolhimento e fortalecimento da individualidade feminina representa não apenas uma necessidade clínica e social, mas também um importante instrumento de promoção da dignidade, da qualidade de vida e da preservação da identidade dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMOHALHA, Lucieny; PEREIRA, Victoria. O bem-estar dos cuidadores de crianças típicas e de crianças com necessidades especiais. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 20, n. 2, p. 221, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1391796>. Acesso em: 22 de maio. 2026.

BARBOSA, Priscila Cardoso Parente; MACÊDO, Orlando Júnior Viana; PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes; ALENCAR, Juliana Linhares Cavalcanti de. Mães Atípicas: Desafios da Maternidade. **ID online. Revista de psicologia**, [S. l.], v. 19, n. 77, p. 98–111, 2025. DOI: 10.14295/idonline.v19i77.4228. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/4228>. Acesso em: 05 de maio. 2026.

BOLISSIAN, Annie Mellem. **O processo de tornar-se mãe: uma perspectiva ocupacional da maternidade**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20211>. Acesso em: 21 mar. 2026.

BRAGA, Alissandra Marques. **Experiência de ser mãe em situação de tensão extrema: narrativas de mulheres com filhos recém-nascidos na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN)**. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015. Disponível em: 22 de maio. 2026.

CAMPOS, Eugênio Paes. **Quem cuida do cuidador: uma proposta para os profissionais de saúde**. Editora Dialética, 2022.

CAMPOS, Marcineis Milhomem da Silva. **Vivências de mães de crianças com transtorno do espectro autista**. 2024. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Palmas, 2024. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/handle/11612/8023>. Acesso em: 21 mar. 2026.

DA CONCEIÇÃO COSTA, Rayne; GONÇALVES, Jonas Rodrigo. O direito à saúde, à efetividade do serviço e à qualidade no acesso às políticas públicas de atenção à saúde da mulher. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 2, n. 4, p. 119–142, 2019. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/199>. Acesso em: 12 mar. 2026.

DANZMANN, Pâmela Schultz; LUNARDI, Rosani Viera; SMEHA, Luciane Najjar. Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do (a) filho (a) com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 29, p. e55626, 2024. Disponível em:

c

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 29/05/2026 | aceito: 30/05/2026 | publicação: 02/06/2026

<https://www.scielo.br/j/pe/a/znxLBXW479S84RLs35pdSMc/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2026.

FERREIRA, Ana Luiza dos Santos. **Sobrecarga familiar e o transtorno do espectro autista: um estudo narrativo**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/10025>. Acesso em: 06 abr. 2026.

LEITE, Fernanda Lucas Lopes de Meirelles. **Vivências de cuidado familiar à criança com necessidades especiais de saúde, dependente de tecnologias, egressa da unidade de terapia intensiva neonatal**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem. 128f. Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012479.pdf>. Acesso em: 22 de maio. 2026.

LEITE, Larissa Rodrigues; DORTA, Monik Carneiro Lima; BATISTA, Naele Souza; BOSQUE, Isabela Bernardes. Impactos psicossociais da maternagem atípica: perspectivas e vicissitudes (in)visíveis do cuidado materno a crianças neurodivergentes. **Revista FT, Ciências Humanas**, Vol. 29. Ed. 152, 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/impactos-psicossociais-da-maternagem-atipica-perspectivas-e-vicissitudes-invisiveis-do-cuidado-materno-com-criancas-neurodivergentes/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

LOBO, Marília et al. Síndrome do cuidador em mães de crianças com necessidades atípicas: uma revisão integrativa. **Movimenta (ISSN 1984-4298)**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. e20260005, 2026. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/17580>. Acesso em: 03 de maio. 2026.

MACHADO, Ana Caroline; DA SILVA, Camila Cristine; LATURRAGHE DE MORAES MELO, Stefanni; BECKER DA SILVA, Andressa Melina. Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 38, n. 99, p. 66–87, 2020. DOI: 10.7213/psicolargum.38.99.AO04. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/26013>. Acesso em: 11 de maio. 2026.

MARTÍNEZ PIZARRO, Sandra. Síndrome del cuidador quemado. **Revista Clínica de Medicina de Familia**, v. 13, n. 1, p. 97–100, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-193922>. Acesso em: 22 de maio. 2026.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P. *Burnout*. In: FINK, George (org.). **Stress: concepts, cognition, emotion, and behavior**. San Diego: Academic Press, 2016. p. 351-357.

PASTORELLI, Simone de Oliveira Santos; VIANA, Cintia Teixeira de Sousa; BENICASA, Miria Gomes. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e de seus enfrentamentos. **Revista Acadêmica Online**, [S. l.], v. 10, n. 50, p. 1–21, 2024. DOI: 10.36238/2359-5787.2024.v10n50.6. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/6>. Acesso em: 11 de maio. 2026.

SANTOS, Jaime Victor Feitosa; SANTOS, Gabriely Alves dos; MACEDO, Beatriz de Almeida Bandeira; VERÍSSIMO, Isadora Gomes; MORAES, Raquel Alves de. Mães atípicas: amamentação em autistas e neurodivergentes. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e934, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i1.934. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/934>. Acesso em: 02 abr. 2026.

SANTOS, L. F. et al. Rede de apoio e saúde mental de mães atípicas: uma revisão bibliográfica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 1230–1245, 2023.

c



Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 29/05/2026** | **aceito: 30/05/2026** | **publicação: 02/06/2026**

SANTOS, Maria Beatriz Monteiro dos. **Trabalho doméstico e maternidade: os desafios do trabalho reprodutivo dentro e fora de casa.** 2024. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2024. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/8726>. Acesso em: 06 abr. 2026.

SANTOS, N. F. R.; ANDRADE, L. M.; SANTOS, W. da S.; PEIXOTO, L. C. P.; SENA, E. L. da S.; REIS, L. A. dos; SILVA, M. N. da; SOUZA, C. C. L. de. A solidão vivenciada por familiares cuidadoras de pessoas com Alzheimer durante o processo de cuidado. **OBSERVATORIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 12, p. e8129, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n12-073. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/8129>. Acesso em: 12 de maio. 2026.

SILVA, A. C. A construção da identidade da "Mãe Atípica" no Brasil contemporâneo: uma análise qualitativa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 39, n. 114, 2024.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.